

Reações de bebês em atividades musicais em um Centro de Educação Infantil

Beatriz Veriana Pasold
FURB
biapasold@gmail.com

Melita Bona
FURB
melitab@yahoo.com.br

Resumo: O artigo apresenta os resultados de observações junto a uma turma de bebês, na faixa etária de 10 a 12 meses, nas atividades de musicalização em um Centro de Educação Infantil da rede municipal de ensino de um município de Santa Catarina. A pesquisa teve como objetivo observar o tempo de concentração, a motivação e o interesse dos bebês durante as atividades musicais. Os dados foram coletados no período de setembro a outubro de 2015, mediante observações e registro pessoal baseado em um roteiro prévio e, complementado com fotos e filmagens, além da aplicação de questionários, um para o professor de musicalização e outro para a professora pedagoga da turma. Foi possível constatar que os bebês apresentam reações imediatas às atividades propostas pelo professor de música revelando na prática, aspectos discutidos por diversos autores. As análises evidenciam a relevância do contato da criança nesta faixa etária com a linguagem musical.

Palavras chave: Musicalização. Reações de Bebês. Educação Infantil.

1. Introdução

Apresenta-se os resultados de uma pesquisa, trabalho final de uma Especialização em Educação Musical, que teve como objetivo observar as reações de bebês durante atividades de musicalização, no sentido de compreender como reagem aos estímulos sonoros, rítmicos e melódicos, qual o seu tempo de interesse nas atividades musicais, e ainda, verificar se há diferença nas respostas entre meninos e meninas. A observação ocorreu durante as atividades de música, com uma turma de bebês na faixa etária de 10 a 12 meses, em um Centro de Educação Infantil da Rede municipal de Ensino em uma cidade catarinense.

A motivação para a temática tem origem na experiência pessoal da autora, que atua como educadora musical há 15 anos, especificamente, com a faixa etária de 0 a 5 anos. Durante as atividades musicais com estes grupos, foi possível perceber que eles reagem à música de diversas maneiras e a curiosidade sobre o comportamento

destes pequeninos em relação à música foi se tornando cada vez maior. Além da curiosidade pessoal, na caminhada diária como professora de música, constantemente ouviu-se comentários e questionamentos tais como, “porque musicalização para os bebês, eles são tão pequenos e ainda não entendem nada”.

Neste sentido, encontrar algumas respostas para as inquietações sobre o significado da educação musical para bebês e entender como acontece o envolvimento de crianças com a linguagem musical, no primeiro ano de vida, vem a ser à base desta pesquisa.

2. Música e Bebês: breve cenário e a pesquisa

Encontraram-se programas e projetos que contemplam atividades musicais com bebês em instituições de ensino superior, a saber, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), apenas para citar alguns exemplos. De acordo com Correa (2013), o Projeto de Extensão “Música para Bebês”, coordenado por Esther Beyer no período de 1999 e 2010, pode ser considerado a base para a pesquisa no sul do Brasil sobre esta temática. Beyer (2003, p. 292) fala que, “o aparecimento dos primeiros sons musicais do bebê tem sido muitas vezes apresentado como o início de um desenvolvimento musical”. Ainda segundo a autora, “o projeto consiste em propiciar diversas experiências sensoriais e motoras, onde os bebês participam da aula, acompanhados pelos pais” (BEYER, 2003, p.294).

Além de Beyer (2003) também outros autores Ilari, (2002; 2006); Joly, (2011); Schroeder e Schroeder, (2011) discutem este tema sobre diversos aspectos evidenciando, o quanto a música na Educação Infantil é importante para o desenvolvimento intelectual e cultural das crianças. Destaca-se também que Ilari (2002; 2006) e Beyer (2003) em seus projetos pesquisaram com profundidade o desenvolvimento cognitivo-musical dos bebês, principalmente na faixa etária de 0 a 18 meses. Em relação ao desenvolvimento cognitivo-musical a professora e pesquisadora Beatriz Ilari (2006) comenta:

[...] quando falamos em desenvolvimento cognitivo-musical, estamos falando não apenas do desenvolvimento do cérebro ou de habilidades que fazem parte dos testes tradicionais de inteligência, mas do desenvolvimento da mente como um todo (ILARI, 2006, p. 294).

A autora afirma que, “a pesquisa experimental ainda tem muitas perguntas a responder com relação à percepção e à cognição musical do bebê” (ILARI, 2002, p. 88).

Conforme Ilari (2002, p. 87), “Estudos indicam que, ainda no primeiro ano de vida, os bebês estão aprendendo e registrando a informação musical que lhes é apresentada”. A autora prossegue: “Os bebês estão atentos para a música que escutam. Eles tornam-se ouvintes sofisticados, capazes de discriminar cada elemento da música, bem mais do que todos nós julgávamos ser possíveis” (ILARI, 2002, p. 88).

Os pesquisadores Schroeder e Schroeder (2011), em uma de suas pesquisas informam que tem como principal objetivo “entender como se dá a apropriação da música pelas crianças pequenas” (SCHROEDER; SCHROEDER, 2011, p. 106).

Schroeder e Schroeder (2011) dizem também que “as crianças pequenas não se manifestam musicalmente apenas quando estão tocando um instrumento, ou cantando, por exemplo, mas de diversas outras formas” (SCHROEDER; SCHROEDER, 2011, p. 107).

Os autores Schroeder e Schroeder (2011) relatam que:

As crianças não aprendem música somente em aulas de música, mas brincando, desenhando, dançando, etc. Nesse sentido, incluir estas outras formas de expressão não é apenas um recurso de tornar mais prazerosa à aula, mas uma necessidade real quando se leva em conta tanto as especificidades da música quanto do desenvolvimento infantil (SCHROEDER; SCHROEDER, 2011, p. 117).

Em sua tese de doutorado Correa (2013) comenta:

Nos últimos anos as temáticas relativas ao estudo do bebê, estão relacionadas a diferentes pesquisadoras e regiões do Brasil, dentre elas destaca: Esther Beyer, Beatriz Ilari, Josette Silveira Mello Feres, Maria Teresa Alencar de Brito, Ilza Zenker Leme Joly” (CORREA, 2013, p. 29).

Correa (2013) ao enumerar os autores acima, indica que de alguns anos para cá, as pesquisas sobre os bebês na área da educação musical despertam o interesse de pesquisadores no campo da música.

2.1 Aspectos metodológicos

O grupo alvo da pesquisa foi uma turma de Creche I, constituída de 12 bebês, sendo 05 meninos e 07 meninas. Nos meses de setembro e outubro de 2015, quando ocorreram as observações, os bebês encontravam-se na faixa etária entre 10 e 12 meses. Para manter a necessária distância da própria prática optou-se por uma turma em um CEI no qual não se atua pessoalmente como educadora musical.

As observações ocorreram durante 08 semanas, totalizando oito momentos, cada qual com a duração de 30 minutos. Neste CEI as atividades musicais são realizadas em um espaço denominado 'solário' localizado próximo à sala. Em torno de 4 metros do local onde se encontravam os bebês, havia uma pequena casa de boneca com duas janelas, permitindo que as observações pudessem ser realizadas a partir daquele ponto, sem interferências, isto é, sem que os bebês visualisassem a pesquisadora.

A coleta de dados deu-se por meio de anotações no diário de campo, mediante um roteiro prévio e de recursos como fotos e filmagens, devido ao limite da linguagem oral dos bebês. Os registros foram complementados com a aplicação de dois questionários, sendo um para o professor de música e outro para a professora pedagoga desta turma.

A pesquisa tem caráter qualitativo, pois, visa observar o comportamento de 'sujeitos', no caso, os bebês, além das características no modo de coletar os dados. A este respeito Figueiredo (2010) diz:

Dessa forma, o pesquisador qualitativo é o principal instrumento de coleta de dados, conhecendo, analisando, comparando, refletindo sobre a visão e o significado que os pesquisados atribuem a determinado fenômeno. O pesquisador qualitativo prefere coletar dados em seu ambiente natural - e por esta razão a pesquisa qualitativa é, às vezes, denominada pesquisa realista -, e não em situações pré-estabelecidas ou construídas em um laboratório, por exemplo, onde os indivíduos participantes da investigação estão fora de seu contexto. (FIGUEIREDO, 2010, p. 164).

Conforme mencionado, um dos motivos da realização deste trabalho vem a ser a curiosidade da pesquisadora pela temática. Segundo Freire (1996):

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho

como gente e a que correspondem o dever de lutar por ele, o direito a curiosidade. (FREIRE, 1996, p. 85).

Os dados que resultaram das observações foram analisados a partir dos autores apresentados na revisão de literatura.

2.2 Observando os bebês

Neste tópico encontra-se o ponto central da pesquisa. As observações ocorreram no período matutino, das 9h às 9h30, momento em que os bebês se encontravam no solário, juntamente com a professora pedagoga.

Desde o início das observações, a atenção ficou voltada para as reações dos bebês, principalmente, para o momento da chegada do professor de música. Em cada um dos oito momentos observados ele iniciou as atividades de outra maneira. Destaca-se o modo de aproximação do professor no primeiro dia de observação: tocando o violão e assobiando uma melodia enquanto percorria o corredor, ainda fora do espaço onde se encontravam os bebês. Percebeu-se que estes ficaram atentos aos sons, girando a cabeça para ver de onde os sons surgiam. À medida que o professor se aproximava os bebês foram expressando mais alegria.

Para iniciar as práticas, os bebês sentavam e esperava a solicitação do professor de música, sem a professora pedagoga pedir. Segundo Schroeder e Schroeder (2011), “Aprender música é se apropriar de uma forma de linguagem, de um modo de se expressar, de se comunicar, de compartilharem sentidos” (SCHROEDER; SCHROEDER, 2011, p. 107).

Observou-se que os bebês demonstravam confiança no professor de música, apesar de haverem iniciado a sua vida no CEI no início de 2015. Após sete meses de convivência, mesmo sendo um encontro semanal, eram nítidos a confiança e afeto expressados pelos bebês em relação ao professor. Segundo Raniero e Joly (2012, p. 11), “as crianças devem possuir confiança no adulto para que consigam realizar, com segurança, todas as atividades propostas”.

O professor iniciou as atividades com pequenos exercícios lúdicos, dentre eles: simular o ‘comer chocolate’ com a boca fechada fazendo movimentos com o maxilar, reproduzir o som da abelha, o trotar dos cavalos, o som de pipoca estourando e o som do beijo. Desta maneira eram estimuladas as pregas vocais, os lábios e a língua dos bebês. A turma correspondeu prontamente a estes estímulos. A professora

pedagoga participava destes momentos ativamente e os bebês a observavam com atenção. Segundo Feres (1998, p. 37), “as crianças acham muito divertidos barulhos com a boca, imitando o caminhão, estalando a língua ou apertando as bochechas...” Estes exercícios foram repetidos em todas as práticas observadas. Chamou a atenção que, em dado momento, alguns bebês já haviam memorizado a sequências dos exercícios e antecipavam os gestos do professor. Conforme Ilari (2002, p. 88) “durante o primeiro ano de vida, os bebês já exibem preferências e memória musical de longo prazo”.

Desde os primeiros momentos, verificou-se que as meninas demonstravam maior facilidade para a realização das atividades. A questão sobre a diferença de aprendizado entre meninos e meninas, vem a ser uma das inquietações iniciais e por esta razão incluiu-se uma pergunta sobre este aspecto nos questionários. A professora pedagoga que há 15 anos trabalha com esta faixa etária respondeu: *Observo que as meninas possuem maior facilidade em interagir com o professor durante as aulas. Participando mais das coreografias e desafios propostos. Os meninos mostram-se mais tímidos nestes momentos* (Professora da turma).

Entre os meninos da turma, havia um que se destacava. Ele acompanhava as meninas, enquanto os outros, apenas o observavam. A mesma pergunta foi aplicada no questionário para o professor de música e sua resposta foi a seguinte: *Eu diria que há [sic] parcialmente. Geralmente o interesse se evidencia de forma mais acentuada nas meninas, fazendo com que elas manifestem suas reações antes dos meninos. Contudo, não se pode generalizar, pois há turmas de Creche I onde alguns meninos se expressam antes das meninas* (Professor de música).

Quando o professor trabalhava com ritmos, como por exemplo: bater as mãos e os pés, as crianças correspondiam de maneira participativa. A canção com maior participação dos bebês era a do “Burrinho”. Trata-se de uma canção infantil ritmada e alegre. Mas quando o ritmo tornava-se mais lento, não demonstravam tanto interesse e logo se dispersavam. Guimarães (2001), afirma: “É realmente impressionante como os bebês reagem aos estímulos diversos” (GUIMARÃES, 2001, p. 28).

No momento da introdução da canção “Eu sou um boneco duro”, que apresenta uma melodia de registro agudo, os bebês prestaram especial atenção. Os gestos realizados pelo professor de música eram amplos e acompanhados da emissão

vocal de sons agudos. A professora pedagoga participou ativamente e as crianças ficaram impressionadas. Sobre este aspecto Ilari (2009) afirma:

Na vida uterina e até o terceiro mês de vida pós - natal, os bebês preferem ouvir notas e sons graves. Porém com o passar do tempo, por volta dos 6 meses, os bebês possuem maiores facilidades e preferem ouvir sons agudos, ao invés dos sons graves. Habilidade que perdura por quase, toda a infância. (ILARI, 2009, p. 37).

Para o professor de música, os sons graves e agudos são percebidos de maneira diferenciada pelos bebês. Segundo ele: *Já pude verificar que existem fases no desenvolvimento dos bebês com preferências a sons agudos, outra hora a sons graves. De forma especial, os sons de curta duração, de fontes sonoras distintas, que se repetem, são os preferidos. Por exemplo, os sons dos animais e objetos sonoros. Uma curiosidade que já pude reparar nas turmas de bebês: quanto mais intrínseca for à relação entre a sonoridade e a questão “visual” da fonte sonora, maior é o interesse e o encantamento da criança* (Professor de música).

Soares (2008) em seus estudos sobre música para bebês conclui:

O bebê responde ao estímulo sonoro-musical de formas variadas: reage de maneira diferente em contato com os sons graves e agudos, olha em direção ao som, manifesta expressões de alegria, de prazer, de assombro ante a música, assim como balança o corpo (SOARES, 2008, p. 82).

Notou-se que, na prática de canções dependendo do andamento da melodia, mais lento ou mais rápido, as crianças reagiam de forma diferenciada. Na melodia mais lenta, pareciam se emocionar e até esboçar um pequeno choro. Nas atividades rítmicas envolvendo movimentos com o corpo ou com os instrumentos de percussão, a alegria e a satisfação estavam estampadas no rosto e nos gestos corporais dos pequenos. Sobre a melodia e o ritmo o professor de música disse: *Quando se trata de melodias, as alturas diferenciadas atreladas à fonte sonora e a intensidade da emissão, provocam reações digamos mais emotivas, no campo das sensações afetivas. Já nos estímulos rítmicos, nota-se que as reações geralmente se materializam na corporeidade da criança, no fato que a resposta ao estímulo se dá geralmente através percussões com o corpo, com objetos, com o deslocamento pela sala, entre outras* (Professor de música).

Uma das meninas chamou a atenção em praticamente todas as observações. Especialmente em um dos momentos, ela parecia querer convencer o amiguinho do lado a interagir durante a atividade. Olhava para ele, batia palmas, balançava o corpo e sorria, como querendo dizer: - “Olha é assim, faça também, é legal”. Enquanto isso, um dos meninos demonstrou pouco tempo de interesse. Dos 30 minutos de atividade, a sua atenção durava aproximadamente 10 minutos. Beyer (2003) destaca:

Observamos ainda que algumas crianças pareçam realizar as atividades musicais de modo mais tímido ou então de modo dispersivo. Com certeza eles também gostam de música, mas parecem não realizar as atividades de modo tão evidente quanto os outros (Beyer, 2003, p. 87).

Apesar do empenho do professor de música e do entusiasmo da professora, este menino após 10 minutos, sentava-se um pouco mais afastado do grupo e lá permanecia até o final das atividades. A este respeito à professora pedagoga diz: [...] *Como as crianças não estão acostumadas a essa realidade musical, choravam e procuravam ficar perto das professoras, sem interagir com o professor. Hoje, já habituadas, demonstram gostar de sua presença, ficando felizes, interagindo com palmas e outros gestos durante as aulas, e também se mostrando curiosas em relação aos instrumentos apresentados pelo professor. Em relação à atenção, inicialmente seu tempo de concentração era curto ou nenhum. Hoje a maioria das crianças já apresenta um grande tempo de concentração, chegando a durar todo o período da aula* (Professora da turma). Em um dos momentos observou-se que, o professor de música apresentou pequenos instrumentos de percussão aos bebês que reagiram muito bem a estes objetos de sonoridades diferenciadas. O Professor comenta: *A primeira reação é com o olhar, com a postura do corpo, da cabeça. A segunda é o querer explorar aquele objeto/instrumento: batendo, chacoalhando, sentando em cima, colocando na boca, jogando no chão. Ou, no caso de uma música cantada ou em CD, geralmente reagem com batidas de palmas, pés, balanço do corpo, etc.* (Professor de música).

No último dia de observação, o professor de música colocou o violão no centro do espaço onde se encontravam os bebês, para ver quais seriam as suas reações. Alguns olharam para o professor e para a professora pedagoga e sorriam. O professor os incentivou para que pegassem no instrumento e o explorassem. Aos poucos os bebês ficaram mais à vontade e, um deles sentou no corpo do violão esboçando

alegria. Segundo Soares (2008) “a ação criadora é considerada por nós aspecto de grande valor musical” (SOARES, 2008, p. 87).

Acompanhando esta turma de bebês nestas oito aulas, observou-se que o professor de música e a professora da turma, permitiam que os bebês participassem naturalmente das atividades, assim, a cada novo encontro a alegria em rever o professor era evidente.

3. Algumas Considerações

Ver e acompanhar como os bebês reagem com interesse durante os momentos de atividades musicais foi prazeroso e cativante. Em cada momento da coleta de dados foi possível observar que os bebês demonstravam maior habilidade motora e uma percepção mais aguçada na identificação de sons agudos e sons graves.

Percebeu-se, que a linguagem musical favorece a interação entre os bebês e também, as demonstrações de afetividade na relação com os adultos, que os acompanham nas atividades musicais, e, com o educador musical.

Podemos dizer que, os bebês demonstraram serem atentos e curiosos revelando surpresas a cada dia e a cada momento. Entre as várias linguagens apresentadas (corporal, visual) a linguagem musical parece ser um dos estímulos de maior interesse dos pequenos.

A pesquisa de campo permitiu a observação, na prática, de diversos aspectos mencionados pelos autores estudados. Viu-se ‘com os próprios olhos’ o quanto a música favorece o afloramento de emoções e transforma o aprendizado em uma brincadeira prazerosa e alegre. Em resposta às provocações ouvidas seria possível dizer, sim, musicalização para os bebês, pois, “... eles são tão pequenos e já entendem de música”.

Referências

BEYER, Esther. A dança dos bebês: um estudo sobre os movimentos dos bebês ao ouvirem música. Artigos da Revista da Abem. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, XII; 2003, Florianópolis. *Anais do XII Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical*. Florianópolis: ABEM 2003. p. 292-298.

_____. A interação musical em bebês: algumas concepções. *Educação (UFSM)*, v.28, n. 2, p. 87-98, 2003. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/.htm>>. Acesso em: 09 de fev. de 2016.

CORREA, Aruna Noal. *Bebês produzem Música? O brincar - musical de bebês em berçário*, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/000882111>>. Acesso em: 10 de fev. de 2016.

FERES, Josette Silveira Mello. *Bebê - música e movimento: Orientação para musicalização infantil*. São Paulo: JSM, 1988.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira. Considerações sobre a pesquisa em educação musical. In: FREIRE, Vanda Bellard (Org.). *Horizontes da pesquisa em música*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 155-175.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Rosângela. *Educação Musical: O aprendizado pela emoção da música*. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. Evangraf, 2001.

ILARI, Beatriz Senoi. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.7, p.83-90, set. 2002.

_____. Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. In: ILARI, Beatriz Senoi (Org.). *Em busca da mente musical: Ensaios sobre os processos cognitivos em música - da percepção a produção*. Curitiba: UFPR, 2006. p. 271-302.

_____. *Música na Infância e adolescência: um livro para pais, professores e aficionados*. Curitiba: Editora IBPEX, 2009.

RANIRO, Juliane; JOLY, Ilza Zenker Leme. Compartilhando um ambiente musical e afetivo com bebês. *Música na Educação Básica*. Londrina, v.4, n.4, p. 8-19, nov. 2012.

SCHROEDER, Sílvia C. N, SCHROEDER, Jorge L. As crianças pequenas e seus processos de apropriação da música. *Revista da ABEM*. Londrina, v. 19, n. 26, p. 105-118, jul. 2011.

SOARES, Cíntia Vieira da Silva. Música na creche: possibilidades de musicalização de bebês. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.20, p. 80-82, set. 2008.